

## **“Cadê os oitenta milhões?” Um estudo sobre o impacto do jornalismo na construção da realidade no caso da morte do reitor Cancellier<sup>1</sup>**

Giovanni de Sousa VELLOZO<sup>2</sup>  
Samuel Pantoja LIMA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

### **Resumo**

O trabalho busca compreender, dentro das perspectivas teóricas da relação entre a construção social da realidade e o jornalismo na percepção do público sobre a morte do Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Luiz Carlos Cancellier de Olivo. Ao analisar a reação do público online na cobertura dos principais jornais e portais do Brasil sobre o incidente, o artigo busca compreender como é intrincada a relação entre o que é noticiado e a recepção no público, além de demonstrar como erros de análise da mídia podem incorrer na construção da “verdade” no senso comum.

### **Palavras-chave**

Jornalismo, Construção Social da Realidade, UFSC, Reitor,

### **Introdução**

Desde o dia 14 de setembro de 2017, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tem passado por momentos de constrangimento público e ataques à sua autonomia. Naquela data em questão foi deflagrada pela Polícia Federal a Operação Ouvidos Moucos, para investigar supostos desvios de verba no programa de ensino à distância Universidade Aberta do Brasil (UAB), criado há mais de 10 anos para auxiliar na formação de professores licenciados no interior do país. No primeiro dia da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail: [giovannivellozo1999@gmail.com](mailto:giovannivellozo1999@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail: [samuca.lima@ufsc.br](mailto:samuca.lima@ufsc.br)

investigação, foram conduzidas coercitivamente cinco pessoas ligadas ao programa nas gestões anteriores e presas temporariamente outras sete.

A notícia foi assim publicada na página do Facebook da Polícia Federal/SC e lá permaneceu postada cerca de duas semanas:

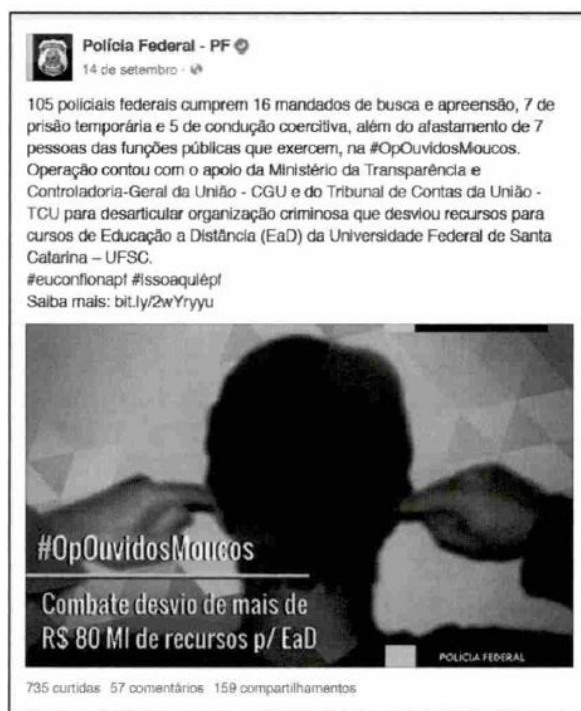


Figura 1: post publicado pela Superintendência da PF/SC

Dentre essas sete presas pela PF estava o reitor Luiz Carlos Cancellier de Olivo, formalmente acusado de obstruir investigações administrativas na universidade, comandadas pelo corregedor da UFSC Rodolfo Hickel do Prado. Apesar dessa condição, grande parte da mídia e da população construiu a narrativa de que o reitor fora preso por ter “roubado R\$ 80 milhões da universidade” (informação central no post da PF/SC), quantia essa que sequer correspondia ao desvio, e sim ao orçamento total do programa ao longo dos anos. Solto no dia seguinte à sua prisão, o reitor ficou impedido de retornar à sua função e de pisar na UFSC até o dia 29 daquele mês, quando uma decisão judicial permitiu que ele poderia participar de atividades de orientação e bancas no Centro de Ciências Jurídicas por apenas três horas.

Mas o reitor não usufruiu do despacho: na segunda-feira seguinte, 2 de outubro, Cancellier se atirou do último andar do Shopping Beiramar, deixando no bolso um bilhete que afirmava que sua morte fora decretada no dia da sua prisão. Impedido de

---

entrar vivo na universidade, morto foi recebido pela porta da frente na reitoria, e homenageado com vigília e sessão solene fúnebre do Conselho Universitário. Durante esta cerimônia, discursos como o do ex-senador Nelson Wedeckin, assim como outras vozes e instituições dentro e fora da UFSC, culpavam, além da ação da Polícia Federal – tachada como espetacularizada, fria e até mesmo fascista – , a própria mídia como um agente principal da confusão de informações que terminou no assassinato da reputação do reitor e na sua decisão trágica.

Este trabalho tem o interesse de desmistificar a influência midiática na percepção social que houve a respeito da morte do reitor e de seu simbolismo em Florianópolis. Para tanto, foram utilizados dados de redes sociais em pesquisa no dia da morte e uma análise jornalística das manchetes de portais jornalísticos de alcance regional e nacional, a fim de dialogar esses dados com o arcabouço teórico da construção social da realidade.

### **Só percebemos que erramos agora: o suicídio na mídia**

Para efeito da nossa análise, serão usadas apenas as primeiras manchetes do dia relativas ao caso nos veículos online Jornal O Globo (RJ), Folha de S. Paulo (SP), G1 Santa Catarina (SC), Zero Hora (RS), Notícias do Dia (SC) e Diário Catarinense (SC), e não os textos – aos quais caberá, futuramente, algum estudo relativo aos parâmetros éticos da cobertura do suicídio, com base nos parâmetros da OMS (2000), do Ministério da Saúde ou algum tratado da ética jornalística – e a partir deles os comentários nas páginas no facebook dos veículos e nas reportagens, como efeito da reação direta do público em relação à manchete ou à notícia, respectivamente. Quanto aos comentários, assunto da próxima parte do texto, analisamos todos os de veículos e os 10 primeiros de cada um dos posts (assim dispostos por relevância do algoritmo), devido à não portabilidade de um aparato de análise de sentimento para uma maior abrangência.

Em todas as manchetes (vide **Tabela 1**), o sujeito da ação da notícia é o mesmo – o próprio reitor, citado nominalmente apenas na manchete do Notícias do Dia, em uma provável tentativa de demonstrar proximidade como um valor-notícia, e nos demais como o primeiro termo da linha fina. Em cinco das seis manchetes, a estrutura de construção foi a mesma: colocar que o reitor havia sido encontrado morto em um shopping de Florianópolis, sem colocar a causa da morte de forma explícita. Apenas o

Diário Catarinense, às 12h24, já noticiava o caso como sendo um suicídio, com uma divulgação antecipada – ainda que essa fosse a hipótese mais provável, a confirmação total do suicídio se deu apenas ao fim do mês.

Analisando as cartolas quanto à sua forma, pode-se depreender uma diferenciação de posição editorial de cobertura. Em jornais mais afastados, o uso de cartolas geográficas (Morte em Santa Catarina e Brasil, no caso da Zero Hora e do O Globo, respectivamente) é compreensível para situar melhor a notícia que vai ser lida, bem como no caso dos jornais mais próximos que frisam a localidade (Morte na Capital, no DC, e Cidade, no ND). Destoa dos demais o G1, por não ter cartola; e a Folha de São Paulo, que noticia que Cancellier era suspeito de desviar recursos – algo já sabido como falso desde a semana das prisões um mês antes, e que motivou a escrita de um Erramos pela Folha dois dias depois da morte do reitor:

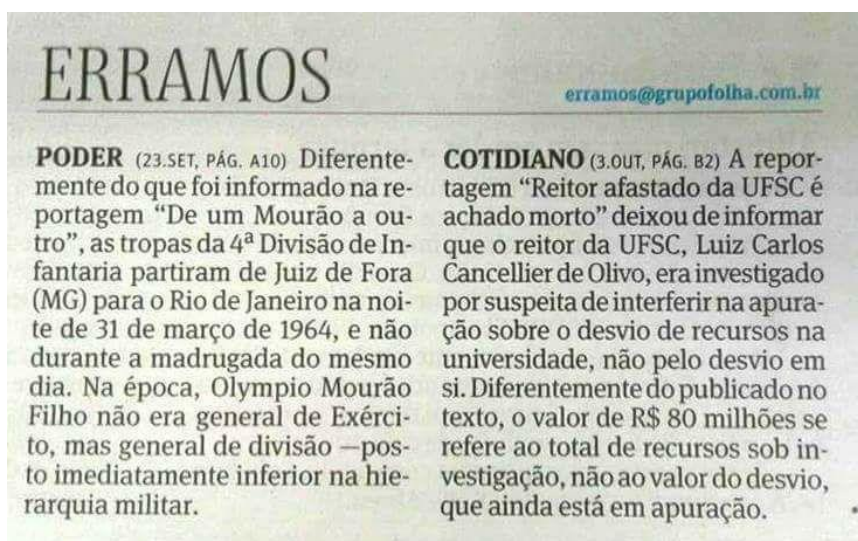


Figura 2: O erramos publicado pela Folha de S. Paulo, em 4/10/2017

O mesmo erro de apuração se dá na linha fina do O Globo, que afirma que o reitor era suspeito do desvio de recursos do programa. E apesar de não fazerem uma ligação direta entre desvios e o reitor, as manchetes do Diário Catarinense e do G1 Santa Catarina acabam por colocar os dois termos em destaque na sua linha fina, sem contextualizar qual o envolvimento do reitor com a investigação e o real motivo da sua prisão, o que torna possível o estabelecimento de uma culpabilização criada na consciência do leitor, a ser conferida a partir dos comentários nas redes sociais.

	Cartola	Manchete	Linha Fina	Horário de Coleta (no dia 02/10/2017)
O Globo (RJ)	Brasil	Reitor afastado da UFSC é achado morto em Florianópolis	Luiz Carlos Cancellier era suspeito de desviar recursos em Programa	12h27
Folha de S. Paulo (SP)	Suspeito de Desviar Recursos	Reitor afastado da UFSC é encontrado morto em Florianópolis	-----	12h23
G1 Santa Catarina (SC)	-----	Reitor afastado da UFSC é encontrado morto em Shopping de Florianópolis	Luiz Carlos Cancellier chegou a ser preso em ação da PF contra desvios na Universidade	12h24
Zero Hora (RS)	Morte em Santa Catarina	Reitor da UFSC é encontrado morto em shopping de Florianópolis	Luiz Carlos Cancellier, que era investigado pela polícia federal e havia sido preso na operação Ouvidos Moucos, teria cometido suicídio, conforme a polícia militar.	12h28
Notícias do Dia (SC)	Cidade	Reitor afastado da UFSC, Luiz Cancellier, é encontrado morto em shopping de Florianópolis	A polícia encontrou a Carteira Nacional de Habilitação de Cancellier junto ao corpo; ele teria se jogado do último andar do prédio	12h25
Diário Catarinense (SC)	Morte na Capital	Reitor da UFSC comete suicídio em Florianópolis	Luiz Carlos Cancellier era investigado pela PF em operação que apura desvio de recursos em cursos de Educação à Distância na UFSC.	12h24

**Tabela 1:** Manchetes do dia a respeito da morte do reitor Luiz Carlos Cancellier.

### **Culpa: Os Comentários Nos Portais**

Dos seis portais analisados, apenas dois tiveram comentários nas suas respectivas páginas, refletindo uma tendência da década, na qual a informação é não apenas recebida, mas também comentada mais facilmente nas redes sociais dos órgãos de imprensa que em seu lócus na internet (SPECHT, 2016). Nesses dois, a Folha de S. Paulo (com três comentários) e o Notícias do Dia (com 15, entre comentários principais e respostas), foi possível fazer uma distinção entre três tipos de comentários:

- a) os que não culpabilizaram o Reitor pelo desvio de recursos na Universidade e/ou não incitassem o suicídio de outras pessoas;
- b) os que culpabilizaram o Reitor pelo desvio de recursos na Universidade e/ou incitassem o suicídio de outras pessoas;
- c) e os comentários neutros, ou seja, que enfocaram outros aspectos da situação ou da reportagem quaisquer que não a culpabilidade ou não do reitor Cancellier, incluindo aqui os de cunho religioso e de pêsames.

Na Folha, dos três comentários aplicados, dois eram do tipo “c”, afirmando que mesmo sem arrependimento o ato de suicídio poderia ser praticado, e um do tipo “b”, afirmando que provavelmente haveria indícios suficientes para a prisão do reitor e a sua consequente culpabilidade, que não poderia ser ignorada simplesmente porque este havia falecido. No caso do ND, pelo menos cinco foram do tipo “b”, ou explicitamente conclamando paralelamente políticos brasileiros a cometerem o mesmo tipo de ato trágico ou implicitamente colocando a culpa como um motivo para o ato. Ao mesmo tempo, seis acabaram abertamente se posicionando no tipo “a”, afirmando por exemplo que o estado policial e a mídia foram possíveis agentes que culminaram na tragédia. Os demais estiveram analisando outros pontos problemáticos da reportagem ou não podem ser computados para nenhum posicionamento pró ou contra o arrependimento do reitor (todos os comentários estarão colocados ao final do artigo, em apêndice). Assim, temos uma divisão igualitária de seis comentários para cada tipo.

No Facebook, todos veículos tiveram uma amostra de comentários, dos quais retiraremos para estudo sob os mesmos critérios anteriores apenas os dez primeiros selecionados pelo algoritmo em cada postagem (sem contar com as respostas nem com

---

os posts que foram colocados acima apenas por se tratarem de amigos do pesquisador). Em uma primeira análise, o erro de informação quanto ao desvio de recursos foi alterado aqui pelo Globo às 15h41 do dia 02/10/2017, mas a Folha, apesar do seu erramos, até o momento da análise desse artigo (04/11/2017) não havia alterado o texto na postagem. Dos demais, o G1 ainda mantinha na mesma data a correlação indireta do reitor com o desvio de dinheiro.

Quanto aos comentários, optamos aqui a dividir as amostras pelos tipos de veículos: locais ou de outras regiões. Assim sendo, nos veículos locais (G1 Santa Catarina - cuja rede de comentários se estende para todo o país na página geral do G1 -, Diário Catarinense e Notícias do Dia), há um equilíbrio entre os tipos de comentários, com predominância dos de tipo A (12 de 30), com os de tipo “b” e “c” ocupando o mesmo número (9 de 30). De veículo para veículo, foi constatada uma forte presença de comentários não culpabilizadores no Diário Catarinense - justamente um dos jornais que associa, ainda que de forma indireta, o reitor com o desvio, sendo eles oito dos dez coletados, com um comentário tipo B e outro tipo C. Ironicamente, o Notícias do Dia, que não cita na manchete nada relativo ao dinheiro desviado, teve quatro comentários de culpabilização contra dois contrários - ou seja, é possível atestar que não há aqui uma relação completamente especular entre o proposto pelas manchetes e a recepção do público da rede (desenvolver-se-á melhor esse ponto na próxima parte). No G1, ocorreu a mesma distribuição do ND, com a característica peculiar da insinuação de queima de arquivo aparecendo duas vezes.

Já nos veículos de outros estados (Folha, Globo, Zero Hora), a situação foi similar, com o mesmo padrão de 12-9-9. No geral se mantém uma grande polarização em torno da notícia, com o número de resultados neutros bastante abaixo dos posicionados. O Zero Hora foi o que mais teve comentários culpabilizando o Reitor, com quatro dos dez selecionados. O termo queima de arquivo aparece novamente no feed da Folha, e há aqui a acentuação de comentários que associam a questão de Cancellier com a política nacional, remetendo aos partidos políticos e às correntes ideológicas em disputa no país. No total dos comentários do facebook, 42 comentários se encontram polarizados (sendo 18 culpabilizando e 22 retirando a culpa) e 18 tratando de outros temas.

Além desse conteúdo colocado em si de forma dicotômica, é possível perceber que a interatividade é baixíssima entre a empresa jornalística e os seus leitores.

---

Foi constatado que os erros da reportagem apontados em vários casos foram arrumados - e no caso da postagem no facebook da Folha, sequer isso - sem nenhum contato com o internauta que alertou a respeito. E mesmo em casos de desrespeito a direitos humanos e uso de palavras de baixo calão, também não há advertência alguma a respeito nesses casos, sendo eles inclusive impulsionados pelo número de “curtidas”. Esse quadro, possível de ser explicado por uma série de fatores logísticos, coaduna com o dito por Canavilhas (reproduzido em Specht, 2016, p. 85):

Poucos comentários feitos pelo consumidor são incorporados na notícia, ou seja, o leitor pouco interfere no resultado final. Seria muito interessante que matérias de maior profundidade incluíssem um questionário cujas respostas fossem incorporadas à própria reportagem, em forma de gráficos ou tabelas. No fundo, a interatividade se resume a um tipo específico de hipertextualidade, a apertar um link e ir parar em qualquer lugar, ou então a comentar uma notícia, só que isso não serve para nada, pois nem o jornalista responde e nem a informação dada é acrescentada à reportagem.

### **Jornalismo de ouvidos abertos? As teorias aplicadas ao caso**

O jornalismo, ao longo da história, foi tratado como um processo social com diversas finalidades diferentes. Segundo uma perspectiva funcionalista, colocada principalmente a partir dos textos de Robert Park nos anos 1940, a atividade da profissão tem a função de colocar o cidadão como uma guia para a função social, de forma a construir uma sociedade de forma orgânica. Em contraponto, a perspectiva crítica, a partir da Escola de Frankfurt, trabalha com um jornalismo reproduzidor apenas da ideologia dominante na sociedade burguesa, sem espaço para outras formas de análise social ou função.

A uma primeira vista, o caso em questão pode remeter a essa forma de pensamento, à medida em que, colocando de forma paulatina a informação de que o Reitor foi suspeito de cometer desvio de recursos - ou mesmo uma ligação indireta entre os casos - teria gerado espontaneamente um resultado de culpabilização e conseqüente reação como o apresentado, na linha da famosa frase de Pulitzer sobre a imprensa tornando o seu público vil. Porém, a questão teórica não é tão simplista. Para além de uma concepção da necessidade do jornalismo como funcionalista ou alienante, é possível colocar o jornalismo como espaço de construção da realidade com uma necessidade social da própria notícia diária - “produto” mais acessado da atividade. Há, nesse ponto, várias



---

versões de quais seriam as origens da necessidade da notícia perante o público, como expressas por Silva e Pontes (2009, p. 51):

A primeira versão seria a de que o jornalismo surge a partir de um interesse político da população, que nasce da possibilidade de contestação da versão governamental, o que exige uma constante divulgação dos fatos políticos. [...] A segunda versão seria a de que as pessoas possuem uma curiosidade pelo diferente, pelo desconhecido, pelo passional e buscam formas para alicerçar sua realidade a partir desses fatos. O jornalismo torna-se um grande espaço de justificação, pois, diante de sua circulação crescente, a necessidade da confirmação desses fatos torna-se igualmente cada vez maior.

Colocar o jornalismo como espaço único de construção da realidade a partir somente da ideologia dominante também é esquecer o potencial tanto como transformador da realidade quanto de sua subjetividade. No caso colocado, com publicações diárias (hard news), a teoria proposta por Genro Filho (1987) parece responder de forma satisfatória a essas lacunas, ainda que o autor por si só não tratasse a respeito da construção social da realidade como um campo específico.

A partir de sua obra, Genro Filho demonstra a existência de uma necessidade social do jornalismo que perpassa uma práxis: uma teoria aliada a prática não para conformar o sujeito como no funcionalismo ou reproduzir sua alienação como na perspectiva crítica, mas sim para constituir no público uma maior postura crítica diante da sua realidade. Além disso, dentro da teoria de Genro Filho (1987), o jornalismo é tido como uma forma de conhecimento específico sobre a realidade - cristalizado no singular e próximo ao senso comum, não devendo ser por isso um espelho ou um orientador passivo desse, como propunha a perspectiva funcionalista. O jornalismo diário colaboraria com a práxis a partir da ida deste do singular das matérias para um conhecimento universal, mais consciente e coeso com questões sociais amplas (como, na perspectiva marxista de Genro Filho, a luta de classes).

Esse conhecimento decorre de uma apreensão subjetiva de acontecimentos presentes na realidade - conceito tido como existente “independente de nossa volição” (BERGER; LUCKMANN, 1966, p. 11), embora não independente da existência da ação humana – que constitui os chamados fatos jornalísticos. Colocando-se sobre estes conceitos, a grande questão, agora, é o nível de impacto desse conhecimento dos fatos produzido no público - ou melhor dizendo, se o jornalismo é o principal fator de construção social da visão da realidade que permeia o senso comum de uma sociedade.

---

Nesse quesito, há interpretações distintas na academia a respeito do tema. Meditsch (2010) pontua duas principais percepções relativas a essa construção, ao citar “a dicotomia entre a perspectiva que via o jornalismo, singelamente, como um espelho da realidade, e aquela outra que demonstra o processo de construção que o caracteriza”, essa última mais próxima ao raciocínio citado em parágrafos anteriores sobre a apreciação subjetiva dos acontecimentos.

Nesse último igualmente há perspectivas que frisam a construção da realidade social a partir dos processos coercitivos de ação. É o caso das análises feitas sobre o arcabouço teórico de Michael Schudson (apud SOUSA, 2002), que trabalha os aspectos pessoais, sociais e culturais na análise do fazer jornalístico e do seu impacto, sendo as notícias vistas como produtos da intenção dos jornalistas, coagidos externamente pelas instituições sociais a quem trabalham ou respondem (desde o público até as próprias fontes e braços governamentais), perpassando pela linguagem e construção de sentido próprias do contexto tecnológico e social no qual está inserida a produção. Outra linha desse tipo tem a ver com as concepções do filósofo John Searle, nas quais

para se fazer jornalismo, o jornalista partiria de uma intencionalidade coletiva ao pensar o que é notícia, tomando no histórico da atividade o modo de relatar, o que reportar, como selecionar as fontes etc., assim como os leitores partiriam de uma necessidade coletiva de informação, discussão e participação na sociedade (SILVA; PONTES, 2009, p. 47).

No entanto, muitas das concepções a respeito do tema colocam a questão de outra forma, apresentando a construção social da realidade como um dos atributos principais do jornalismo - principalmente como pressuposto óbvio, e não como conclusão de uma pesquisa. Segundo essa percepção, o jornalismo teria o poder de transformar os acontecimentos em fatos discerníveis apenas “na medida em que esses meios os elaboram. Os meios informativos são o lugar onde as sociedades industriais produzem nossa realidade” (VERÓN apud MEDITSCH, 2010). Nem todas essas análises, claro, denotam uma perspectiva do jornalismo como espelho, reconhecendo que há sim uma subjetividade na recepção - contudo, a colocação do jornalismo como principal veículo de construção perceptiva da realidade não é capaz sozinha de explicar como, no caso que tivemos acima retratado, uma manchete que em nada comentava a respeito da associação do Reitor com desvio de recursos (a do Notícias do Dia) recebesse tantos comentários nesse sentido, e, mais ainda, que uma que tivesse explicitamente a ligação falsa colocada

---

na manchete (a da Folha de S. Paulo) recebesse comentários que repudiassem esse comentário.

Uma possível explicação está na obra seminal dos filósofos Berger e Luckmann, que trabalham diretamente com os fatores de influência nessa percepção da realidade. No seu livro de 1966, *A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*, há apenas duas menções à mídia - que não é tratada como sinônimo da atividade informativa do jornalismo e sua função social como colocamos - e estas se encontram longe de trabalhar esta como a principal atividade de reconhecimento da realidade. Para este trabalho, o jornalismo diariamente absorvido opera como um dos fatores de construção que “reafirma as mais amplas coordenadas da realidade individual”.

Para tanto, a realidade individual seria muito mais condicionada por fatores anteriores ao jornalismo, em pelo menos duas camadas: a primeira socialização, no início da vida, construindo os primeiros sentidos e compreendendo os primeiros signos; e uma segunda, a partir da divisão do trabalho e da relação dos indivíduos com as instituições sociais. O jornalismo diário, assim, viria em uma posição terciária (MEDITSCH, 2010), na qual ele conformaria - ou eventualmente confrontaria, como é o caso de algumas pessoas diante da situação estudada - o indivíduo e suas próprias concepções, bem como a sua relação interpessoal: tanto nos círculos familiares quanto na interatividade das redes sociais, ampliando o horizonte da disseminação de opiniões.

### **Considerações Finais**

Outros aspectos, não abarcados pela teoria dos autores, mas que podem vir a influenciar na análise são a pluralidade de informações e veículos cada vez mais acentuada com o desenvolvimento do meio-técnico-científico-informacional nas últimas décadas – incluindo aqui os fenômenos de públicos bolha (SERRANO, 2013) e da famigerada pós-verdade; a polarização política acentuada do momento do país; e, principalmente, o tratamento do discurso num plano muito maior que o do *hard news*, com grandes coberturas operando numa mesma linha narrativa.

O jornalismo das matérias analisadas, assim, não poderia ser encarado como simplesmente um espaço de correspondência especular entre matéria e público, senão como mais um dos campos de disputa da construção social da realidade. Contudo, apesar dessa posição não ser, a priori, de privilégio em relação a outros agentes, ao jornalismo

---

cabe respeitar em sua atividade princípios éticos da correspondência entre acontecimentos e fatos, bem como, num contexto de cada vez mais interatividade, colocar-se de forma aberta ao público - não excluindo-se de sua atividade, mas principalmente percebendo que o jornalismo não tem uma verdade única nem que as várias possibilidades de verdade podem vir dos próprios leitores, enquanto público-agente e igualmente construtores da realidade.

Da mesma forma, o caso serve para atentar questões relativas ao próprio modelo de negócio do jornalismo. Falhas no uso das redes sociais, ao tratar o público de forma apenas reativa ou mesmo ignorando-o, e manchetes mal editadas são reflexos justamente dessa transição incompleta dos antigos meios de comunicação para os atuais. Também serve para desmistificar a compreensão a respeito do fenômeno das notícias falsas como exclusividade de veículos comprometidos explicitamente com ideologias ou de sites “caça-cliques” sem produção jornalística própria.

Sem precisar apontar culpabilidades, é compreensível que no caso apresentado a cobertura incorreu em vários erros de apuração. Estes, contudo, não explicam sozinhos a repercussão dos comentários, pois o jornalismo não é a única - e possivelmente, como vimos, nem a principal - esfera de construção da realidade. Porém, na análise em questão, é possível afirmar que a produção a respeito da morte do Reitor configura um jornalismo coeso com uma conformação do senso comum e de suas polarizações, e não com um conhecimento emancipador – algo inferido tanto pela sistemática e sequência dos erros, quanto pela recepção do público, ainda que em posições divididas. No caso brasileiro, com a predominância do valor-notícia a respeito de reportagens sobre investigações e da escalada de posicionamento da imprensa na última década, é possível inferir que a mesma lógica pode ter sido aplicada por parte do público no caso do reitor. Mesmo assim, as dimensões de todos esses agentes, secundários ou não, ainda podem ser abarcados em outras possibilidades de estudo com os dados coletados.

## Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Vozes, 2008.

---

**DIÁRIO CATARINENSE. Reitor da UFSC comete suicídio em shopping de Florianópolis.** Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2017/10/reitor-da-ufsc-comete-suicidio-em-shopping-de-florianopolis-9921500.html>>. Acesso em: 26/11/2017.

**DINIZ, Augusto. Seção de comentários de portais tornou-se inócuo.** Disponível em: <[http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/ed836\\_secao\\_de\\_comentarios\\_de\\_portais\\_tornou\\_se\\_inocua/](http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/ed836_secao_de_comentarios_de_portais_tornou_se_inocua/)>. Acesso em: 26/11/2017.

**FACEBOOK. Luiz Carlos Cancellier era acusado de obstruir investigação sobre programa de educação à distância.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/jornalogloboposts/1816787271694277>>. Acesso em: 26/11/2017.

\_\_\_\_\_. **Investigado pela Operação Ouvidos Mucos, Luiz Carlos Cancellier cometeu suicídio na manhã desta segunda-feira, em Florianópolis.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/gauchazh/posts/10151041179409956>>. Acesso em: 26/11/2017.

\_\_\_\_\_. **Reitor chegou a ser preso no mês passado em operação da PF que apura desvio de recursos.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/g1/posts/1821621144556629>>. Acesso em: 26/11/2017.

\_\_\_\_\_. **Luiz Carlos Cancellier de Olivo era investigado sob suspeita de desviar recursos da universidade. (via Folha Cotidiano) #folha.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/fohadesp/posts/2040542925987700>>. Acesso em: 26/11/2017.

\_\_\_\_\_. **#AGORA O IML e polícia ainda estão no local para os procedimentos legais.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/NDOnline/posts/1802125233150558>>. Acesso em: 26/11/2017.

\_\_\_\_\_. **Luiz Carlos Cancellier era investigado pela Polícia Federal e havia sido preso na operação Ouvidos Mucos.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/diariocatarinense/posts/1744293008945287>>. Acesso em: 26/11/2017.

**FOLHA DE S. PAULO. Reitor afastado da UFSC é encontrado morto em shopping de Florianópolis.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/10/1923554-reitor-afastado-da-ufsc-e-encontrado-morto-em-shopping-de-florianopolis.shtml>>. Acesso em: 26/11/2017.

**G1 SANTA CATARINA. Reitor da UFSC é encontrado morto em shopping em Florianópolis.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/reitor-afastado-da-ufsc-e-encontrado-morto-em-shopping-em-florianopolis.ghtml>>. Acesso em: 26/11/2017.

---

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987.

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo e construção social do acontecimento** [pp. 19-42] In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia P.S. (Orgs.) **Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

MORAES, Dênis; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.

NOTÍCIAS DO DIA. **Reitor afastado da UFSC, Luiz Cancellier, é encontrado morto em shopping de Florianópolis**. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/reitor-afastado-da-ufsc-luis-cancellier-e-encontrado-morto-em-shopping-de-florianopolis>>. Acesso em: 26/11/2017.

O GLOBO. **Reitor afastado da UFSC é encontrado morto em shopping de Florianópolis**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/reitor-afastado-da-ufsc-encontrado-morto-em-shopping-de-florianopolis-21897083>>. Acesso em: 26/11/2017.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. **Jornalismo e realidade: a necessidade social da notícia**. Galáxia (São Paulo), no. 18, 2009, pp.44-56.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó/SC: Argos, 2002.

SPECHT, PATRÍCIA PIVOTO. **O esvaziamento das seções de comentários de leitores nos portais de notícias: o Facebook como novo espaço de expressão**. Sessões do Imaginário (Impresso), v. 21, p. 80-86, 2016

ZERO HORA. **Reitor da UFSC comete suicídio em shopping de Florianópolis**. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/10/reitor-da-ufsc-comete-suicidio-em-shopping-de-florianopolis-cj8aalihk000901mndsokkb0j.html>>. Acesso em: 26/11/2017.